**ARTESANIAS NARRATIVAS AUDIOVISUAIS**

Marina Santos Nunes de Campos – CAp/UFRJ

O presente trabalho discute sobre a produção de artesanias narrativas docentes audiovisuais que emergem das diferentes frentes de atuação de um projeto de pesquisa e extensão vinculado a um Colégio de Aplicação da cidade do Rio de Janeiro. Inicialmente é apresentado o contexto de surgimento do projeto, em seguida, são abordados os motivos pelos quais temos nomeado os registros das narrativas como artesanias e porque vimos investindo em produções audiovisuais. Por fim, as artesanias narrativas docentes audiovisuais são defendidas por trazerem um denso conteúdo a respeito da docência e é ressaltado que, a possibilidade de professoras se verem e se escutarem, propicia um espaço que potencializa seus processos formativos, refletindo sobre suas possíveis direções.

Palavras Chaves: Autoformação docente. Narrativas docentes. Narrativas audiovisuais.

O contexto deste trabalho se dá em um grupo de pesquisa e extensão, vinculado ao Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro-CAp/UFRJ. O referido colégio é uma instituição com mais de setenta anos de história que tinha seu ingresso, no Ensino Fundamental, através de provas de seleção muito disputadas e, a partir de 1998, o ingresso passou a ser por sorteio público. Com a democratização do acesso, o perfil dos estudantes do Colégio veio se modificando e, com isso, o corpo docente se viu diante do desafio de continuar oferecendo uma educação de qualidade, mas agora inclusiva e democrática.

Partindo deste desafio, docentes do colégio buscaram trocar experiências com docentes de outros espaçostempos (REIS;VILELA;MACIEL,2014), que sempre tiveram acesso democrático. A partir dessa necessidade de reinvenção, o Projeto de Pesquisa e Extensão “Conversas entre professores: alteridades e singularidades- ConPAS nasce, em 2010, promovido por docentes dos anos iniciais do Colégio.

Desde então o ConPAS vem desenvolvendo múltiplas atividades voltadas tanto para a formação continuada de docentes, internos e externos ao CAp, quanto para investigar como se dá a formação docente em diferentes contextos.

Das experiências vividas nas diferentes frentes de atuação do grupo ConPAS emergem artefatos narrativos, que englobam as gravações de conversas e suas transcrições, entrevistas, fotografias dos encontros, memoriais, documentários, crônicas, dentre outros materiais bibliográficos e videográficos que, em contato com os referenciais teóricos do grupo, compõem o corpus de pesquisa. Apesar de naturezas distintas, essas produções têm em comum o elemento narrativo e, por isso, vínhamos denominando essas produções como “materiais narrativos”.

Desde que decidimos nomear esse manancial de narrativas de “materiais narrativos” sentimos que a expressão parecia não dar conta da experiência vivida na tessitura de cada um desses materiais. Ao refletir sobre as possíveis causas desse mal-estar, me debruço sobre o conceito de “material” e ao que ele remete. Dentre tantos sentidos, entendemos material como algo formado de matéria ou como algo referido ao corpo, em oposição ao espírito. Ao contrário dessas ideias, nossas produções vêm embebidas de subjetividades, repletas de elementos intangíveis que não cabem na ideia de algo material. Imagino que daí tenha surgido o incômodo com o termo “material”.

Diante disso, nota-se que os fazeres do grupo se assemelham muito mais às técnicas artesanais empregadas por uma artesã em sua obra do que as técnicas de quem fabrica um material. A palavra artesanato tem sua origem no Latim (ARS), capacidade de fazer alguma coisa, mais tarde ARS passou a significar arte.

Seguimos com Mills que, para cunhar o conceito de artesanato intelectual, elenca seis características do trabalho artesanal:

[1] não há nenhum motivo velado em ação além do produto que está sendo feito e dos processos de sua criação. [2] Os detalhes do trabalho diário são significativos porque não estão dissociados, na mente do trabalhador, do produto do trabalho. [3] O trabalhador é livre para controlar sua própria ação de trabalho. [4] O artesão é por conseguinte, livre para aprender com seu trabalho, e para usar e desenvolver suas capacidades e habilidades na execução do mesmo. [5] Não há ruptura entre trabalho e diversão, ou trabalho e cultura. [6] O modo como o artesão ganha seu sustento determina e impregna todo o seu modo de vida. (MILLS, 2009, p.59)

Diante do esmiuçado pelo autor a respeito do trabalho do artesão, posso compreender que o trabalho realizado pelo grupo de pesquisa, o fazer docente, o ato de narrar e ouvir experiências e os processos que isso envolve como, por exemplo, selecionar o que narrar e o modo de narrar, ressignificar a experiência ao mesmo tempo em que a narra, aprendendo novamente com esta experiência, em muito se assemelha ao trabalho do artesão, assim como os materiais produzidos por esse processo se assemelham com a obra de um artesão.

Se por um lado as artesanias tecidas nos encontros propiciados pelo ConPAS se mostravam um espaçotempo profícuo para formação, para autoformação e para pesquisa, por outro lado, ao serem transcritas, uma dimensão relevante do que nos permite mergulhar nelas e compreendê-las de determinada maneira é interditada: o gesto, o tom de voz, a expressão facial e corporal, o olhar, as divagações. O escrito, por vezes, esconde como aquele sujeito se sente com o que está contando, quantas vezes, as narrativas transcritas anteriormente provocaram lágrimas ou gargalhadas em quem contava e em quem ouvia. Buscando modos de registros que dessem mais conta disso tudo que transbordava das transcrições, vimos investindo na produção de artesanias narrativas audiovisuais.

Tanto a filmagem quanto a edição são realizadas pelos bolsistas do Programa de Iniciação Artística e Cultural (PIBIAC) vinculados ao grupo. Nesse processo de gravar, editar, divulgar e apresentar, os bolsistas, que também são licenciandos, têm sua formação inicial potencializada. Em seu relatório de atividades, o bolsista Anderson Marinho nos conta como percebe o trabalho realizado:

A participação no Grupo de Pesquisa e Extensão objetiva aprofundar a formação como docente, a partir dos debates e das pesquisas feitas no grupo, durante os encontros em que lemos um texto, capítulo de livro ou outros materiais que nos debruçamos, enquanto discentes em constante formação, dando continuidade a formação iniciada nas matérias de licenciatura e durante a prática de ensino. Entretanto, vejo que meu principal objetivo é espalhar as vozes das professoras e dos professores com os quais conversamos. Ponto comum nas falas desses docentes é a percepção de que a profissão docente é solitária em muitos momentos. Dito isso, acreditamos que a rede de internet e as redes sociais podem funcionar como um meio de comunicação eficiente em trocar saberes e quebrar as arestas dessa solidão nas vidas de professorxs. Temos como objetivo tanto a pesquisa sobre esses materiais coletados, bem como a divulgação de alguns deles, seja para eventos acadêmicos ou nas plataformas digitais. Ver e ouvir um professor falar, seja o espectador docente ou não, tem uma potência incrível, para aquele que ouve e também para aquele que fala. O audiovisual tem sido uma ferramenta de comunicação importante nos últimos tempos, porque no tempo presente o avanço tecnológico ampliou as ferramentas e o acesso à comunicação – mesmo que haja monopólio de grande influência – para grandes parcelas da sociedade e, utilizar essas ferramentas, permite que tenhamos acesso às produções no campo da educação que fisicamente se encontram distantes e que os “nossos” professorxs colocam de conhecimento seja compartilhado com sujeitos próximos ou distantes. Buscamos assim, dentro de nossas perspectivas de autoria docente, ou seja, de professorxs que são produtores de conhecimentos, poder ampliar o alcance desse conhecimento, a partir da troca e das redes de conhecimento. (Trecho do Relatório do Bolsista PIBIAC Anderson Marinho/2018)

A partir do que o Anderson nos conta é possível notar que realizar registros audiovisuais de docentes traduz-se um movimento que vai muito além de gravar e editar, consistindo em um processo de autoformação efetiva.

A rememoração da história pessoal nos ajuda a compreender que a formação se dá a todo o tempo e que por meio dela é possível (re)direcionar percursos e mudar trajetos, ou seja, a formação é contínua e singular. Singular porque cada aprendizagem só acontece se vinculada aos entrelaçamentos das redes que se tecem pela vida afora. Isso nos leva à compreensão de que as aprendizagens só são possíveis de dentro para fora, contextualizadas ao que já temos, reiterando que toda formação é autoformação e todo conhecimento é autoconhecimento.

Em si os filmes produzidos pelo grupo trazem um denso conteúdo a respeito da docência, mas é interessante ressaltar o que estas produções provocam em que as assiste. Esse movimento de produção de material videográfico traz a possibilidade de professoras se verem, tornando-se um “espaço” onde podem discutir e potencializar seus processos formativos, refletindo sobre suas possíveis direções. Quem narra suas experiências fala sobre si mesmo, produzindo experiências modificadas pela reflexão.

Além disso, a partilha dessas experiências pode proporcionar a professoras que a vivem, a partir da sistematização do que é produzido em transcrições, textos, vídeos ou fotografias, evidências sobre conhecimentos que estão presentes em seu cotidiano, mas que não são explicitados. Isso reforça o reconhecimento de autoria.

O procedimento metodológico do trabalho com as filmagens se constitui também como experiência formativa para todos os envolvidos no processo, porque aprendemos sempre uns com os outros. Nesse exercício cotidiano, professoras têm a possibilidade de (re)viver suas experiências e as dos outros que também narram. Assim, produzem diálogos entre o que fazem, o que desejam, o que lhes é possível fazer e o que pensam e, nesse percurso, se formam ou (auto)formam exercitando uma reflexão que vai além da naturalização das ações cotidianas, criando outros sentidos para a sua docência.

Referências

MILLS, C. W. Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

REIS, G. R. F da S.; VILELA, M. L.; MACIEL, C. M. Entre tradições e invenções. In: REIS, G. R. F da S.; VILELA, M. L.; MACIEL, C. M. Formação docente, pesquisa e extensão no CAp-UFRJ: entre tradições e invenções. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 9-19, 2014.